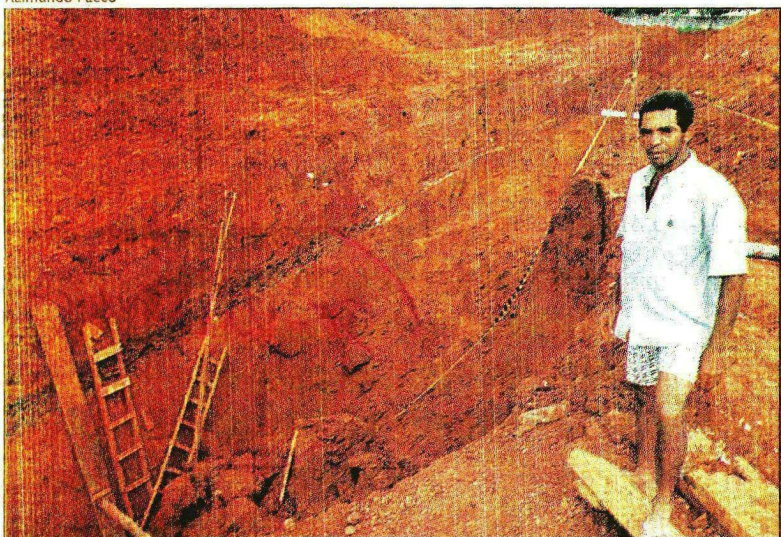




Luiz Barbosa quase foi soterrado em acidente ocorrido na obra do metrô

## ATENDIMENTO A VÍTIMAS DO ACIDENTE TUMULTUA HOSPITAL

# Muitos feridos, poucos médicos

Ricardo Mendes

Da equipe do **Correio**

**C**om a blusa branca tingida de sangue, a dona de casa Eliane dos Santos Guimarães, de 42 anos, tentava ignorar a dor causada pelo corte que sofreu no alto da cabeça. Apesar do ferimento, passou o dia confortando a filha Aline, 20, no Pronto Socorro do Hospital Regional de Taguatinga (HRT). “Está doendo muito, mãe”, balbuciava a jovem, estendida em uma maca, olhos inchados de choro.

Sofrendo com cortes na cabeça e uma lesão no joelho direito, Aline foi uma das 11 pessoas atendidas no HRT por terem sido feridas na queda de um bate-estacas sobre um ônibus. O acidente tumultuou o Pronto Socorro, que não estava preparado para atender a uma emergência como essa e ainda socorrer outros pacientes em busca de ortopedista.

Pela manhã, havia apenas três médicos na Ortopedia do Pronto Socorro, conforme informou a coordenadora do Serviço de Orientação ao Usuário, Carla Martins, de 33 anos. Para que os feridos no acidente fossem tratados logo, os atendimentos que não eram considerados urgentes foram suspensos. “Os três médicos estão no centro cirúrgico”, contou Carla. “Estamos orientando as pessoas que chegam com problemas menos graves para que venham mais tarde ou procurem outro hospital.”

Das 11 vítimas do acidente atendidas no HRT, somente duas não tiveram alta. As demais foram liberadas ainda pela manhã. Por ter sofrido cortes na cabeça que a fizeram perder muito sangue, Aline Guimarães ficou internada para novos exames. Também permaneceu no hospital o desempregado José Lino da Silva, 55 anos. Foi submetido a

uma cirurgia para tratar de fratura exposta na perna esquerda, cuja demora no atendimento poderia resultar em infecção. José Lino teve ainda cortes no queixo, lábios e braço esquerdo. De acordo com a assessoria de comunicação do HRT, ele está se recuperando bem da operação e não corre risco de vida.

A mãe de Aline, Eliane, havia saído de casa cedo com a filha para resolver problemas no Setor Comercial Sul. O acidente cancelou o passeio e assombrou a dona de casa. “Era gente gritando, passando por cima dos outros, uma coisa apavorante”, definiu, ainda chocada.

As imagens marcaram também a costureira Júlia Félix da Silva, 54 anos, que deixou o HRT depois de receber curativos no rosto, junto aos dois olhos. Ela estava a caminho do trabalho, na Asa Sul, quando o bate-estacas atingiu o ônibus onde ela viajava.

“Ouvi uma pancada e me virei. Aí, um ferro caiu em cima de mim”, narrou Júlia. “Eu me agachei e passei para a frente do ônibus, deixando para trás a bolsa e os sapatos. Pensei que era o mundo se acabando.” A costureira se disse horrorizada com uma cena que viu: o braço estendido e imóvel do policial militar Antônio Donizete Moreira, morto na hora entre as ferragens.

Com cortes no rosto e no cotovelo direito, o alfaiate Florisvaldo de Jesus Rocha, 30 anos, também foi ferido no ônibus que o levava ao trabalho, no Setor de Indústria e Abastecimento. Com a boca inchada e cheia de pontos, foi difícil contar o que viu. “Foi um pânico muito grande, com uma bando de gente presa nas ferragens, gritando”, lembrou ele, que voltou para casa ainda de manhã. Saiu do hospital com os pés descalços, levado pelo carro de um amigo. Os sapatos ficaram entre os ferros retorcidos pelo acidente.